

## UMA FRONTEIRA LETRADA: AS REAÇÕES ESCRITAS DOS GUARANIS AO TRATADO DE LIMITES (1752-1761).

Eduardo.S. Neumann<sup>1</sup>

### Resumo

Analisar os episódios do conflito deflagrado nas reduções orientais, em meados do século XVIII, - a partir do impacto das práticas da escrita na organização social das reduções - permite compreender o modo como os guaranis missionários pautaram suas ações e atitudes em uma fronteira letrada. De fato, se, por um lado, a comunicação *in scriptis* mantinha as principais lideranças informadas a respeito dos acontecimentos recentes, por outro, cumpria a função de veicular uma versão indígena diante dos rumores que circulavam na região implicada no Tratado de Madri.

**Palavras-Chave:** reduções guaranis, cultura escrita, história indígena.

### Resumen

Analizar los episodios de lo conflicto encendido en las reducciones orientales, en medio del siglo XVIII, - a partir de lo impacto de las practicas de la escrita en la organización social de las reducciones - permite comprender el modo como los guaraníes misioneros se guiaron en sus acciones e actitudes en una frontera letrada. De hecho, si, por un lado, la comunicación *in scriptis* mantenía las principales lideranzas informadas al respecto de los acontecimientos recientes, por otro cumplían la función de vincular una versión indígena delante de los rumores que circulaban en la región implicada en el Tratado de Madri.

**Palabras-clave:** reducciones guaraní, cultura escrita, historia indígena.

### Introdução

As terras localizadas no extremo sul dos domínios Ibéricos na América colonial, especialmente aquelas situadas nas imediações do rio da Prata, caracterizavam-se por ser uma área de fronteira aberta, sujeita a influências mútuas, gerando constantes choques entre os diferentes grupos sociais presentes. Por sua condição de fronteira esta região serviu de palco a várias experiências reducionistas que visavam por um lado, pacificar a população indígena e, por outro, estabelecer núcleos de povoamento para auxiliar no guarnecimento do território.

Entre as iniciativas evangelizadoras empreendidas nessa região de fronteira a de maior êxito foi a promovida pela Companhia de Jesus, no início do século XVII, junto aos guaranis do Paraguai Colonial. Uma vez superadas as adversidades iniciais, tanto de

<sup>1</sup> Doutorado em História Social pela UFRJ, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Av. Bento Gonçalves, 9500, Porto Alegre, RS - Brasil. [neumann@portoweb.com.br](mailto:neumann@portoweb.com.br)

ordem externa como interna, a organização social dessas reduções começou a apresentar resultados positivos expressos na melhoria do nível de vida dos indígenas.<sup>2</sup>

Como parte das estratégias de catequese, a escrita desempenhou papel central nos trabalhos de conversão. Os jesuítas, ao iniciarem seus trabalhos de evangelização, valorizaram o ensino das *artes y ofícios* aos seus tutelados, habilitando-os, dessa forma, em várias tarefas. Entre elas a de copiar e, até mesmo, de escrever documentos. A instrução promovida nas reduções proporcionou aos guaranis as condições necessárias para que eles produzissem novas formas de expressão gráfica a partir das apropriações e dos usos inventivos destinados à escrita.

Nesse aspecto, a alfabetização seletiva praticada com segmentos da população missioneira constituía-se em uma medida decisiva para o êxito da política evangelizadora praticada pelos jesuítas junto aos guaranis.<sup>3</sup> O envolvimento dos indígenas nessas atividades resultou em um florescimento cultural muito expressivo.

## As reduções de fronteira e os indígenas

Entre as pesquisas históricas dedicadas a implantação de reduções indígenas na América Hispânica, muitas tem se aproximado da perspectiva da etno-história (ou antropologia histórica), metodologia que tem como principal característica uma maior interlocução com a antropologia e das reflexões sobre a própria natureza dos contatos culturais. Portanto, os índios que até então estavam ausentes, ou pouco presente nos trabalhos sobre as reduções instaladas nas fronteiras internas americanas, agora assumem a condição de sujeitos em eventos nos quais estiveram envolvidos.

Tal orientação é um reflexo da mudança no entendimento das próprias capacidades dos guaranis, renovação que tem permitido destacar as estratégias forjadas pelas diferentes sociedades indígenas. Essa mudança de visão a respeito do mundo indígena também implicou em uma retomada da problemática da fronteira, revelando aspectos outrora desconhecidos a respeito das transformações operadas nas sociedades ameríndias inscritas nesses espaços abertos, nas áreas limítrofes entre os Impérios Ibéricos na América.<sup>4</sup> Enfim, o mundo indígena não foi um receptor passivo das políticas e iniciativas que emanavam da sociedade ibero-americana, muito pelo contrário, foi capaz de elaborar respostas e gerar ações e atitudes próprias.<sup>5</sup> Durante décadas apenas a ação evangelizadora e a adesão parcial ao catolicismo foram privilegiadas em detrimento de uma narrativa centrada nas maneiras pelas quais os ameríndios vivenciaram suas experiências.

<sup>2</sup> A população dessas reduções em meados do século XVIII atingiu aproximadamente a cifra de 150 mil habitantes. O crescimento demográfico estava relacionado ao nível de vida e aos recursos disponíveis aos índios reduzidos, tais como alimentação, vestuário e medidas sanitárias. MAEDER, Ernesto. La población y el número de reducciones: nivel de vida. In: CARBONELL de Masy, Rafael. *Estrategia de desarrollo rural en los pueblos Guaranies (1609-1767)*. Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales, 1992, p. 91-111.

<sup>3</sup> As reduções configuravam-se, no Paraguai colonial, como um espaço social da escrita. Duas atividades destacam-se a partir da conquista do alfabeto: o ensino do catecismo e das “artes y ofícios” aos índios. ORUÉ POZZO, Aníbal. *Oralidad y escritura en Paraguay: comunicación, antropología e historia*. Asunción: Arandurá: Universidad Autónoma de Asunción, 2002.

<sup>4</sup> PAZ OBREGON ITURRA, Jimena; CAPDEVILA, Luc; RICHARD, Nicolas (Dir.). *Les indiens des frontières coloniales*. Amérique australe, XVIe siècle/temps présent. Press Universitaires de Rennes, 2011.

<sup>5</sup> MONTEIRO, John M. *Tupis, tapuias e historiadores*. Estudos de história indígena e do indigenismo. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência em Antropologia na Unicamp, Campinas, 2001.

Motivo pelo qual as reconsiderações sobre a temática indígena, principalmente aquelas provenientes da antropologia, vieram acompanhadas de significativas mudanças, cujos resultados implicaram em uma ampla revisão de categorias e conceitos que outrora os próprios historiadores haviam comungado. Tais questionamentos discutiam a legitimidade dos usos de algumas noções. As classificações “étnicas”, por exemplo, foram problematizadas e o conceito de “fronteira” igualmente necessitou ser relativizado. Agora, a fronteira já não é mais tomada como a linha que separa, mas como espaço de interação e trocas, marcado por permeabilidades e trocas culturais resultantes dos processos de mestiçagem.<sup>6</sup>

A condição de reduções de fronteira, especialmente aquelas instaladas nas proximidades do rio Uruguai, manteve a população missioneira em constante estado de alerta diante das investidas promovidas pelos lusitanos em direção ao rio da Prata. Nesse sentido às pesquisas recentes tem dedicado atenção ao papel desempenhado por tais indígenas enquanto agentes sociais, privilegiando as suas ações e respostas frente às situações de conflitos, contribuindo para destacar o papel desempenhado por eles como lideranças em episódios relevantes nessa fronteira colonial.

### Elite e reação escrita

A alfabetização promovida nas reduções facultou a alguns guaranis e particularmente aqueles que integravam os *cabildos*, espécie de conselho de cada redução, a possibilidade de redação de textos, e mesmo de atas das sessões capitulares. Aqueles que participavam das reuniões eram conhecidos como *cabildoiguara* (cabildantes), e ainda havia um secretário, o *quatiapohoara*, responsável pelas atas.<sup>7</sup> Alguns guaranis letrados, por suas habilidades, desempenhavam as funções de professores ensinando aos demais a ler e a escrever. Os *maestros de capilla* eram os encarregados da orientação musical, atividade geralmente conjugada à escrita nas reduções. Por suas aptidões os índios que pertenciam a este segmento eram os responsáveis por vocalizar as ordens e repassar aos demais as decisões, partilhando dessa forma com os não leitores as informações que chegavam por escrito às reduções.<sup>8</sup>

O papel desempenhado por essa elite letrada pode ser mensurado através das instituições políticas e das tarefas administrativas executadas.<sup>9</sup> Afinal cada redução contava apenas com um ou dois jesuítas para atender uma população que variava entre dois a três mil índios; sem a colaboração dos índios principais, seria impossível a organização e o controle das tarefas em geral. As atividades desempenhadas não estavam circunscritas apenas

<sup>6</sup>. GRUZINSKI, Serge. *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999.

<sup>7</sup>. Para uma descrição das atribuições dos integrantes dos cabildos missioneiros, ver: FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962, p.366-372.

<sup>8</sup>. As adaptações e reapropriações esboçadas pelos índios diante do fascínio do ocidente (escrita, livros e imagens) determinaram a reestruturação do imaginário, deflagrando a mestiçagem cultural GRUZINSKI, *Op. Cit.*, 1999.

<sup>9</sup>. Sobre a implantação das instituições político-administrativas nas reduções, ver: KERN, Arno. A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 45.

às questões capitulares, muito pelo contrário, abrangiam do gerenciamento material às manifestações religiosas e culturais de cada redução.<sup>10</sup>

O uso pronunciado da escrita por parte dos guaranis foi verificado a partir da celebração do Tratado de Madrid, em 1750, pelas monarquias ibéricas. O Tratado estabelecia a permuta de sete reduções localizadas na margem oriental do rio Uruguai, - de um total de 30 - pertencentes à Espanha, a serem entregues à Portugal, em troca da Colônia do Sacramento, situada às margens do rio da Prata.<sup>11</sup> Tal decisão repercutiu de forma negativa na América hispânica. Principalmente entre a população guarani implicada na permuta. Afinal durante décadas os índios das reduções atuaram em defesa dos interesses da monarquia hispânica, barrando o expansionismo lusitano na região.<sup>12</sup> A negociação procurava, por meio de um acerto diplomático, colocar ponto final nos litígios de fronteira na América do Sul.

A execução do Tratado implicou na presença de inúmeros oficiais e técnicos na região. Os funcionários encarregados de fixar os novos limites também foram os responsáveis por uma intensa produção e circulação de documentos à época.<sup>13</sup> Foi a partir da presença das autoridades ibéricas em território missioneiro que se desencadeou a reação escrita indígena. Um tema que atualmente tem despertado a atenção dos pesquisadores dedicados a história das reduções é a negativa indígena às ordens de transmigração. Ocasão na qual os guaranis redigiram vários textos, esgrimindo argumentos contrários à execução do Tratado de Permuta.

Entre as provas dessa prática escriturária indígena figuram os “papeles y cartas” escritas pelos guaranis, que depois de apreendidos em território americano foram enviados para a Espanha. Os funcionários encarregados dos trabalhos de demarcação não percebiam nos textos indígenas formas textuais, referindo-se a eles como “papeles” sem diferenciá-los, seja pelo seu volume, formato ou conteúdo.

Tais documentos demonstram a desenvoltura dos indígenas no manejo da pluma e indica a necessidade de revisar os diagnósticos existentes quanto à difusão da escrita entre os guaranis nas reduções. Há inúmeras provas de que eles sentiram-se atraídos pela idéia de produzir relatos ou deixar recados. Entretanto, nem sempre encontrava os meios necessários à escrita, como papel e tinta. Motivo pelo qual, em determinadas ocasiões, deixaram mensagens afixadas em pedaços de couro ou tábuas.

<sup>10</sup> WILDE, Guillermo. *Religión y poder en las misiones de guaraníes*. Buenos Aires:SB, 2009.

<sup>11</sup> A respeito dos antecedentes, circunstâncias e as negociações do Tratado, ver: CORTESÃO, Jaime. *O Tratado de Madri*. Brasília: Senado Federal, 2001. Edição fac-similar. 2v.

<sup>12</sup> NEUMANN, Eduardo. “Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na Banda Oriental –1680/1757”, *Revista Complutense de História de América*, Madrid, 2000, 26: 73-92.

<sup>13</sup> O trabalho de demarcação da nova linha de fronteira entre as possessões coloniais ibéricas acabou por se transformar em uma impressionante aventura. Foram deslocados para a região geógrafos, astrônomos, matemáticos, desenhistas e engenheiros para estabelecerem a cartografia dos novos limites. Ver: FERREIRA, Mário Clemente. *O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001.

## A cultura escrita nas reduções

As principais modalidades de comunicação entre os indígenas foram os bilhetes e as cartas. E, segundo os cronistas, “voavam bilhetes” entre as reduções rebeladas. Papéis que circulavam de dia e de noite. Os bilhetes por sua escrita urgente e rápida, por serem fáceis de portar e mesmo ocultar, foram preferidos pelos guaranis no momento de comunicar-se com seus companheiros. Esse tipo de escrito costuma envolver pessoas próximas, entre as quais não há formalidades excessivas. Entre os guaranis as cartas, forma culta da epistolografia, desempenharam a função de contatar a administração colonial, sendo um instrumento diplomático, de reivindicação e protestos voltados prioritariamente às relações externas. Nas reduções as cartas serviram para diversas finalidades, como manifestar desacordo, expressar insatisfação, enviar um conselho ou convocar homens para a guerra. Por certo, a escrita ao instaurar outra dinâmica nas relações facilita o estabelecimento de alianças. É um instrumento ligado ao poder, que possibilita normalizar e produzir idéias. Igualmente permite anular a distância e manter uma comunicação em segredo.

Ao que parece, a possibilidade de um entendimento dos fatos pretéritos, calcado em dados precisos esteve mais presente entre os integrantes dessa elite missionária. Contudo esta tampouco se apresentava de maneira homogênea. Certamente os indígenas que possuíam a sua disposição atas, cartas, papéis escritos estavam mais aptos a elaborar uma concepção do passado orientado a partir de informações escritas, estabelecendo relações entre diferentes períodos. A documentação escrita pelos guaranis igualmente sinaliza uma discussão pouco referida pela historiografia dedicada ao tema, ou seja, a existência da defesa por escrito daquele que seria o ponto de vista dos indígenas.

Nos últimos anos, as investigações históricas orientadas a partir da perspectiva da história social da cultura escrita - de eminente vocação interdisciplinar - têm privilegiado a análise das funções, usos e práticas relacionadas com o escrito.<sup>14</sup> Os procedimentos metodológicos em questão têm fornecido algumas pistas e subsídios importantes para investigar os materiais escritos e desvendar os significados subjacentes à expressão gráfica. A prioridade é conhecer as distintas intenções que nortearam o ato de escrever e as suas relações com o poder. O que importa, de fato, é o que as pessoas fazem com a escrita, e não o que a escrita faz com as pessoas. Assim, ela é concebida como um conjunto de práticas que podem contribuir para melhor compreender as mudanças e transformações sócio-culturais operadas em uma determinada sociedade.

Por suas potencialidades a escrita é uma prática “mítica moderna”, conforme observou Michel de Certeau.<sup>15</sup> E, em determinadas ocasiões, os guaranis alfabetizados mane-

<sup>14</sup>. Para uma aproximação a respeito da questão da escrita e sociedade ver: BOUZA ÀLVAREZ, Fernando J. *Del escribano a la biblioteca*. La civilización escrita en la Alta Edad Média (siglos XV-XVII). Madrid: Síntesis, 1992; VIÑAO FRAGO, Antonio. Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones. *SIGNO*. Revista de Historia de la Cultura Escrita. Universidad de Alcalá de Henares, n. 3, p. 41-68, 1996; PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Prólogo de Roger Chartier y Jean Hébran. Barcelona: Gedisa, 1999; PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002; CASTILLO GÓMEZ, Antonio (org.). *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999; CASTILLO, GÓMEZ. *Entre la pluma y la pared*. Una historia social de la escritura en los siglos de oro. Madrid: Akal, 2006; GONZÁLES SÁNCHEZ, Carlos Alberto. *Homo viator, homo scribens: cultura gráfica, información y gobierno en la expansión atlántica (siglos XV-XVII)*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2007.

<sup>15</sup>. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

jaram com desenvoltura tal tecnologia. A inserção da elite missioneira em algumas rotinas administrativas do mundo colonial ampliava as suas possibilidades de contato e interação com a sociedade envolvente. O conjunto de habilidades requeridas no provimento dos cabildos missioneiros facultava a uma fração da população missioneira, letrada ou não, contato com as práticas burocráticas da monarquia espanhola. A especificidade dos usos orais e escrito da língua guarani, na administração das reduções, pode ser compreendida como uma medida de centralização da monarquia espanhola. Contexto no qual a documentação escrita atuava como uma forma de produção da presença da Monarquia hispânica, conectando o centro da administração castelhana com as suas periferias.<sup>16</sup>

Porém, não podemos pressupor que esta competência alfabética determinasse um distanciamento em relação aos demais indígenas, contudo criava uma mediação diferenciada com as hierarquias da sociedade que determinava novas formas de organização do tempo e da memória. O certo é que os guaranis escreveram com frequência durante o período de conflito nas reduções e a reação “escriturária” indígena permite repensar as relações históricas estabelecidas com o passado missioneiro e o território oriental. Através da escrita reafirmavam seu vínculo político com o rei de Espanha e alertava para o equívoco do *Santo Rey* em celebrar um Tratado de permuta que favorecia aos seus inimigos históricos, no caso, os portugueses.

## O Autogoverno Indígena nas Reduções

Os funcionários encarregados da demarcação dos novos limites ficaram surpresos com a localização de mensagens disseminadas pelo território e também desconfiados diante da capacidade da escrita manifesta pelos guaranis.<sup>17</sup> Mesmo sem compreenderem o que estava escrito, providenciaram a tradução e o arquivamento desses papéis. A simples presença dos oficiais demarcadores no território implicado na permuta obrigava os funcionários envolvidos nos trabalhos a atuarem com maior rigor no registro e comprovação dos acontecimentos, ou mesmo a providenciarem depoimentos que serviriam de provas contra eventuais acusados, produzindo mais documentos.

A burocracia colonial acionada pela monarquia espanhola foi, durante esse período de conflito, uma pródiga máquina produtora de papéis. Em tal contexto, e como parte integrante do Império Espanhol, a população guarani missioneira manifestou durante esses episódios uma grande habilidade nas *ars escribiendi*. As lideranças guarani eram cientes de que as informações importantes, provenientes da administração colonial, chegavam às reduções pela via epistolar e, por valorarem positivamente os poderes do escrito, essa elite letrada adotou igualmente a mesma postura. Enfim, através desses documentos é pos-

<sup>16</sup> ELLIOTT, John. H. *España y su Mundo (1500-1700)*. Madrid: Taurus, 2007. p.36

<sup>17</sup> Os textos escritos pelos guaranis despertavam suspeitas, segundo Barbara Ganson: *Spanish officials were not convinced by these Guarani letters. The Marqués de Valdelirios, the Spanish envoy in charge of the boundary commission, and others thought the Jesuits, not the Guarani, had written them because they believed that Guarani were incapable of composing such fine manuscripts.* GANSON, Barbara. *The Guarani under spanish rule in the rio de la Plata*. Stanford: Stanford University Press, 2003, p.102.

sível demonstrar como a cultura escrita é reveladora dos valores e condutas de uma época, um índice da colonização do imaginário.<sup>18</sup>

Os usos estratégicos destinados à escrita visavam manter certo grau de unidade nas ações dos guaranis e sustentar o seu auto-governo. Assim, a perspectiva indígena ficou registrada na atuação dessa elite e nas suas tentativas de negociação política, legando para a posteridade uma versão indígena sobre esse período de conflito. Os diversos documentos apreendidos – que sabemos ser apenas uma fração do conjunto de papéis indígenas – demonstram as tentativas de organização e negociação por parte dos Guaranis e evidenciam que suas reivindicações estavam amparadas, em provas escritas, em registros que atestam os serviços prestados ao rei, na condição de cristãos e vassalos de Espanha.

Sempre que possível os vínculos com a monarquia espanhola foram mencionados, indicando que a reelaboração de seu *ñande reko* (“modo de ser”) estava permeado, necessariamente, por sua inserção nos valores e condutas da sociedade hispano-americana. Um processo de etnogênese missional estava em curso, conferindo uma identidade indígena colonial aos guaranis cristianizados. Contexto no qual o impacto da alfabetização promoveu novas sociabilidades estabelecendo canais de interação com a sociedade envolvente.

A familiaridade manifesta por alguns indígenas frente às diferentes formas textuais, foi um fator que estimulou novos usos para a competência gráfica nas reduções, ampliando as possibilidades de uma relação pessoal e mais direta com o mundo dos textos, eliminando a atuação dos intermediadores.<sup>19</sup> Pode-se afirmar que as mudanças verificadas nas maneiras de conduzir as negociações fora o resultado do convívio prolongado dos indígenas com as práticas letradas, sobretudo a partir do século XVIII.

Por certo, o uso da escrita possibilitava uma nova lógica nas maneiras de administrar os conflitos e estabelecer alianças. A escrita tornara-se um modo de atuar frente aos novos desafios. A capacidade alfabética dos guaranis possibilitava organizar suas experiências a partir de episódios documentados e, assim, agir frente aos novos desafios, atuando como agente político no mundo hispano-americano. As autoridades coloniais consideravam as reações indígenas como um sinal de soberba e de insubordinação. Mas elas eram, na prática, uma expressão da autonomia, do auto-governo guarani sustentada na comunicação escrita, “*mientras volaban correos*” entre as reduções.<sup>20</sup>

Diante das finalidades destinadas à escrita por parte dos guaranis estes não parecem mais os mesmos indígenas à mercê de mediadores. São eles, homens letrados, que interagem de modo direto e decisivo como sujeitos políticos no mundo colonial. A escrita

<sup>18</sup>. GRUZINSKI, Serge. *La colonización del imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1991.

<sup>19</sup>. Segundo Roger Chartier: “Da maior ou menor familiaridade com a escrita depende, pois, uma maior ou menor emancipação com relação a formas tradicionais de existência que ligam estritamente o indivíduo a sua comunidade, que o emergem num coletivo próximo, que o torna dependente de mediadores obrigatórios, interpretes e leitores da palavra divina ou das determinações do soberano”. CHARTIER, Roger. *As práticas da escrita*, In: ARIES, Philippe & CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada 3: Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 119.

<sup>20</sup>. NEUMANN, Eduardo. S. “Mientras volaban correos por los pueblos”: autogoverno e práticas letradas nas missões guaranis – século XVIII. *Horizontes antropológicos*, P. Alegre, ano 10. n 22, 2004, p. 67-92.

“civiliza”, nesse sentido, os guaranis passam a atuar de forma gradativa na tomada de decisões diante do convívio com diferentes agentes sociais.

E, ao recorrerem a essa estratégia política, demonstravam confiança no êxito de seus pleitos, exatamente por atuarem em concordância com a lógica do colonizador, ou seja, por conferirem às negociações in scriptis a mesma importância conferida pelas monarquias de Antigo Regime.

## Os papéis de Rafael Paracatu

Um conjunto de documentos indígenas, de circulação interna, foi apreendido em outubro de 1754, logo após a Batalha do Daymal. Estes documentos confirmam a capacidade gráfica de um segmento da elite letrada missioneira: os *mayordomos*. Os *papeles y cartas* apreendidos com Rafael Paracatu, cacique na redução de Yapeyu, são na sua maioria respostas enviadas pelos *mayordomos* das estâncias.<sup>21</sup> A competência alfabética dos administradores indígenas permitiu ao cacique Paracatu manter contato assíduo com eles e, assim, coordenar temporariamente a oposição missioneira. Através dessa troca de correspondência, tomamos conhecimento do conteúdo de documentos singulares a respeito dos usos internos reservados à escrita pelos guaranis.

Com o objetivo de obstruir a marcha das tropas hispânicas pelas estâncias de Yapeyu, o cacique Paracatu e os integrantes do cabildo recorreram à correspondência escrita para estabelecer comunicação e gerir ações conjuntas. Os papéis apreendidos com Paracatu sinalizam primeiro, a preocupação das lideranças em responder aos pleitos formulados por seus companheiros. E, em segundo, revela a rapidez em atender, aos pedidos e consultas realizadas. Tais cuidados visavam manter os indígenas informados a respeito da movimentação dos exércitos ibéricos, notícias que bem administradas poderiam ampliar as possibilidades de êxito da oposição missioneira.

Nos períodos de agitação os guaranis mantiveram-se informados através de mensagens escritas, comunicando seus companheiros a respeito da movimentação dos espanhóis na região. Como a estância de Yapeyu era muito extensa, os *mayordomos* foram constantemente contatados e instruídos, bem como forneciam informes frequentes a Paracatu. Algumas dessas correspondências eram coletivas, e ao final constava a expressão “*todos los mayordomos te escribimos*”. Como a de agosto de 1754, reproduzida abaixo:

“Dn Raphael Paracatu. Dios te guarde te decimos, nosotros los Mayordomos. Há llegado a nosotros el papel, tenemos confianza em Dios como tu, y te quedamos agradecidos. Dios nos preserbe de todo mal, y quiera que vivamos em el camino de los Santos Sacramentos, y que andeis solo em el amor de Dios. Jesus Christo nos manda por su amor, y nosotros por el nuestro, y esto has de tener siempre ante los otros, y has de pedir a la Virgen Santissima nos de toda felicidad y pidamos tambien a las Santas Almas que estan delante de Dios, que

<sup>21</sup>. Arquivo Geral de Simancas (A.G.S). Valladolid. Secretaria de Estado. Legajo 7425. Folios 145 y 146. Refiro-me aos “papeles” apreendidos com o cacique da redução de Yapeyu, Rafael Paracatu logo após os incidentes no arroio do Daymal em 8 de outubro de 1754; Arquivo Histórico Nacional (A.H.N). Madrid. Sección Clero-Jesuítas, Legajo 120, documento 54 (Relato de Escandón) 8-XI-1755. “Cogieronse le al Cacique Paracatu varios papeles y cartas escrita en su propia lengua. Y ante todas cosas mucha prudencia rubrico de propia mano el governador y luego las mandó traducir para saber lo que contenia”. p.114.

pidan para nosotros fortaleza y que nos ayude. Esto te escrivimos para que em nombre de Dios lo leas. Joseph Aviare te llevo dos aspas de Polbora, y 44: balas, 7: pliegos de papel blanco, em um canuto de taquara, cinco tercios, y uma volsa de tavaco, y como no savemos em que paro esto, no te escrivimos mas que por que lo sepas, y quien fué el portador te avisamos. Dios te guarde te decimos. 6 de Agosto de 54: anos, unos pobres como tu, que te aman: todos los Mayordomos te escrivimos”<sup>22</sup>

Como se pode verificar, a escrita atuou como canal de comunicação entre aqueles guaranis empenhados na oposição à presença hispânica, atualizando as principais lideranças, e comunicando a determinação dos administradores em seguir resistindo. Através da relação dos mantimentos enviados pelos *mayordomos*, é possível inferir a importância que o contato *in scriptis* desempenhou nessa ocasião, pois na resposta enviada a Paracatu foi mencionado o envio de “*pliegos de papel blanco*”, matéria prima destinada a dar continuidade à troca de informações por escrito.

Através desse conjunto de correspondências indígenas constatamos a urgência da escrita no período de conflito. Algumas cartas, por exemplo, foram respondidas no mesmo dia em que chegavam aos destinatários. Em determinados contatos eles agregavam as suas missivas expressões como “*invieis la respuesta a esta carta*”, que são indícios da importância atribuída à escrita nas negociações políticas entre os guaranis letrados com os seus interlocutores, fossem eles companheiros de redução, demarcadores ou qualquer outra autoridade. Enfim, uma preocupação presente às estratégias de guerra.

As correspondências dos *mayordomos* têm permitido resgatá-los do anonimato, exatamente pelo fato deles terem deixado testemunhos escritos de suas opiniões, quando participaram ativamente nos bastidores do conflito, promovendo usos inesperados às suas competências gráficas. Outros exemplos da escritofilia guarani - o apego à escrita - são os textos dos secretários, corregedores e alcaídes que desempenhavam as funções de cabildantes em suas respectivas reduções. De fato, ao tomarem o texto epistolar como modelo, eles desenvolveram formas de expressão voltadas a registrar suas opiniões ou intervir no rumo dos acontecimentos.

Sabemos que as cartas, cujas mensagens estavam centradas principalmente na comunicação oficial, foram o ponto de partida para outras modalidades de textos voltados a registrar experiências de caráter pessoal, ou coletivo. Diante das rápidas transformações operadas na região, frente à agitação deflagrada pela presença das comissões demarcadoras, surgiam novas oportunidades “escriturárias” aos indígenas letrados. A diversificação das formas textuais, produzidas pelos indígenas nas reduções, ainda podem ser resgatadas através dos documentos produzidos pela sociedade missioneira e que remanescem dispersos nos arquivos. Através desses vestígios é possível estabelecer uma classificação esquemática, uma tipologia das formas textuais indígenas nas reduções. Eles conheciam as convenções que pautavam os diferentes gêneros, estilos e modalidades de inscrições exposta. Diante dessa familiaridade, em determinadas oportunidades, alguns guaranis letrados manifestaram uma relação mais privada com a escrita elaborando um testemunho, uma “memória indígena”, dos momentos atípicos verificados durante os trabalhos de demarcação.

<sup>22</sup>. A.G.S. Secretaria de Estado. Legajo 7425.

## As instruções de Pasqual Yaguapo

Como vimos, a preocupação dos índios missioneiros com o controle das notícias que circulavam na região determinou a valorização da comunicação epistolar. A rapidez manifesta por parte das lideranças indígenas, em responder ameaças e repassar informações aos seus companheiros, sinaliza a importância atribuída aos poderes do escrito na sociedade missioneira. Provavelmente tenham avaliado que as notícias bem administradas poderiam ampliar as possibilidades de êxito indígena diante da presença dos exércitos ibéricos na região. Como exemplo, dispomos dos textos escritos por Pasqual Yaguapo. Por sua condição de liderança este guarani letrado vislumbrou na instrução escrita um recurso capaz de orientar os soldados e mesmo os oficiais das tropas missioneiras. Procurava, desta maneira, evitar que os milicianos fossem facilmente ludibriados pelos demarcadores. Nos seus escritos ele sintetizou o desejo de algumas lideranças missioneiras em congregar os esforços militares em torno de uma ação coordenada.

As cartas redigidas por Yaguapo demonstram o quanto a escrita também foi um expediente voltado à instrução coletiva, no caso uma tentativa de organizar a tropa missioneira. Quando as comissões demarcadoras chegaram ao território implicado na permuta, este indígena letrado ocupava a função de alcaide maior da redução de São Miguel. Nessa ocasião, escreveu uma carta conjunta com o corregedor miguelista, Pasqual Tirapare, informando ao padre Tadeu Henis dos distúrbios verificados na estância de Santo Antonio.<sup>23</sup>

Por meio de recomendações escritas a elite missioneira procurou orientar os soldados missioneiros sobre a melhor conduta a ser adotada no momento de contato com os funcionários encarregados da demarcação. Em mais de uma ocasião ele valeu-se da sua condição de administrador da redução de São Miguel e elaborou instruções que deveriam ser repassadas aos demais guaranis. Em outubro de 1754, Yaguapo escreveu uma carta ao tenente Miguel Arayecha na qual informa claramente os motivos do envio dessa missiva: *“os escribiremos y tambien los caziques del Pueblo, tambien encargamos que no se dejen engañar”*.

Nessa ocasião, Yaguapo, inclusive, aproveitou para alertar o seguinte:

*“(...) cuando dijere que benga un Casique à hablarnos no salga de la muchedumbre de los soldados para que con sus muchas palabras los han de engañar, con dadivas, con un calzon, con un sombrero, con una chupa, o con alguna casaca, o haziendoles oyr varias cosas y entonces han de fraguar Pleito contra nosotros por todas partes”*.<sup>24</sup>

A confiança depositada na escrita como instrumento capaz de promover uma ação conjunta fica evidente em outro texto escrito pelo mesmo indígena. Em junho de

<sup>23</sup>. A.G.S. Secretaria de Estado. Legajo 7410.

<sup>24</sup>. Archivo General de Indias (A.G.I.). Sevilla. Audiencia de Buenos Aires, 42. Carta de Pasqual Yaguapo a Miguel Arayecha. 22 de outubro de 1754. Cópia N 7. Es copia que concuera con la traducción original que queda en la secretaria de mi cargo. Campamento en el Arroyo Ybacacay Marzo 8 de 1756. Pedro Medrano.

1755, ele redigiu um arrazoado de motivos intitulado “*Para los Indios que han de avistarse con los Españoles, les pongo a la vista lo que han de decir los Indios, para que lo oigan todos los Caziques y Cavildos*”<sup>25</sup>. O texto, intercalado com um diálogo hipotético, visava instruir os guaranis que estavam nas estâncias quanto aos argumentos que deveriam verbalizar caso encontrassem com os oficiais das comissões demarcadoras. A mensagem está caracterizada por um forte didatismo cujo intuito é o de preparar os indígenas para impedir o avanço do exército espanhol por terras missioneiras.

Por seu conteúdo este texto de Yaguapo, muito provavelmente, foi concebido com a finalidade de leitura coletiva, servindo de instrução geral a toda população, inclusive a caciques e cabildantes. A leitura dessa instrução visava a memorização dos argumentos apresentados, pois a população missioneira estava familiarizada com a leitura oralizada. Vale recordar que, inicialmente, as informações eram repassadas aos guaranis através da leitura em voz alta. Sabemos que determinados documentos primeiro eram lidos a uma platéia e depois, separadamente, apresentados as lideranças. Podemos afirmar que a memória indígena foi “treinada” inicialmente pela voz, depois pela escrita, ao longo de décadas de vida em redução. E a compreensão dessa potencialidade fica expressa na tentativa de Yaguapo em elaborar esta instrução geral as tropas guaranis que deveria ser transmitida pela leitura oralizada, ou seja, através do uso da voz.

### **Rebelião Indígena na fronteira: a guerra guaranítica**

A preocupação dos índios missioneiros com a atualidade das notícias que circulavam na região determinou a valorização da comunicação epistolar. A rapidez manifesta por parte das lideranças indígenas em responder às ameaças e repassar informações aos seus companheiros sinaliza a importância atribuída aos poderes do escrito na sociedade missioneira. Sem dúvida, uma batalha dos papéis antecedeu o confronto armado nessa fronteira da América meridional. Mesmo diante das tentativas dos guaranis visando reverter à decisão dos monarcas peninsulares, através do envio de pleitos contrários a execução do Tratado de Madri, eles não foram atendidos.

Assim, em dezembro de 1755, iniciava a movimentação conjunta dos exércitos ibéricos em direção às reduções orientais, cuja marcha resultou em algumas escaramuças com a milícia guarani. Em uma dessas, no dia 07 de fevereiro, a principal liderança guarani, José Tiaraju,<sup>26</sup> de alcunha Sepé, foi alvejado por uma tropa de soldados comandados por José Joaquim Viana, governador de Montevideo. Três dias depois da morte de Sepé ocorreu um grande enfrentamento armado.

Após algumas assembléias, a tropa guarani decide medir forças com os exércitos coligados, cujos episódios culminaram em um enfrentamento armado, conhecida na his-

<sup>25</sup> A.G.S. Secretaria de Estado, Legajo 7410, documento número 6. “Una copia en quatro foxas de um papel sin fecha con una firma que dice: Hixos de San Francisco de Borxa. Y a continuación va outra Copia de uma carta que parece escrita por Pascual Yaguapo a Joseph Tiarayu, los dos naturales del Pueblo de San Miguel en 16 de Junio del año pasado de 1755”.

<sup>26</sup> A respeito da atuação de Joseph Ventura Tiarayu, liderança guarani de destaque nesses episódios, ver: BURD, Rafael. *De alferes a corregedor: a trajetória de Sepé Tiaraju durante a demarcação de limites na América Meridional-1752/1761*. Dissertação: PPGHIS/UFRGS, 2012.

toriografia como Guerra Guaranítica.<sup>27</sup> E, no dia 10 de fevereiro, nas imediações do cerro de Caiboaté, ocorreu a “função” (militar) nomeada de Batalha de Caiboaté. Segundo o diário de Francisco Graell, oficial espanhol, o embate durou “uma hora e um quarto”.<sup>28</sup> Ao final da luta aproximadamente 1.500 guaranis estavam mortos.

Em decorrência das muitas baixas registradas em Caiboaté, um dos líderes indígenas destinou a escrita uma função memorativa. Através das anotações do escrivão do exército lusitano narrando a continuação dos trabalhos da primeira comissão demarcadora, sabemos que, em 1759, ao retornar às proximidades do local onde ocorreu a Batalha de Caiboaté para concluir a definição dos novos limites, foi encontrada uma cruz de madeira com uma inscrição em língua guarani.<sup>29</sup> Nela estava escrito: «Año 1756. A 7 de febrero pipe omanô corregidor Jose Ventura Tiarayú Guarini pipe, sábado ramo. A 10 de Febrero pipe oya guarini guasu martes pipe, 9 taba Uruguay rebeguá 1500 soldados rebehae beiaere. Murubichá retá omanó ônga ape. A 4 de marzo pipe oyapouca ânga co Cruz marangatú. Don Miguel Mayra soldados reta upe». <sup>30</sup>

O texto, uma narrativa fúnebre, apresentava às características da escrita exposta. A mensagem, grafada na própria madeira, foi elaborada *in memoriam* a Sepé e aos demais soldados mortos na batalha. A inscrição indica com precisão, o dia da morte do líder Sepé e indicava que foi Miguel Mayra, um dos articuladores da rebelião nas reduções, o responsável pela iniciativa epigráfica. Tal registro é um testemunho indígena dos últimos acontecimentos, episódios cujo desfecho resultou na morte de muitas lideranças guaranis. Expressão da inconformidade missioneira diante da presença dos exércitos coligados em seu território.

Com efeito, utilizar cruzes com inscrições era uma prática presente à rotina missioneira há muitas décadas. Assim, ao recorrer a este expediente, em março de 1756, Miguel Mayra fazia uso de uma estratégia bastante conhecida.<sup>31</sup> Apesar da nítida preocupação com a “longevidade” dessa mensagem, grafada na madeira, este ato comemorativo não serviu de epílogo às manifestações indígenas. Muito pelo contrário, provavelmente, esta medida tenha sinalizado a decisão indígena de seguir resistindo.

O ato de assinalar o lugar da batalha, com uma cruz escrita, sinaliza uma preocupação no sentido de que as perdas humanas não fossem esquecidas. Dispostos a reparar as mortes das principais lideranças, alguns rebeldes seguiram grafando mensagens hostis aos demarcadores. Escreviam em papéis, couros ou mesmo tábuas.

<sup>27</sup>. QUARLERI, Lia. *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata. Guaraníes, jesuitas e impérios coloniales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.

<sup>28</sup>. Diario que el capitán de Dragones D. Francisco Graell ha seguido en la presente expedición de Misiones contra los siete pueblos inobedientes de la banda Oriental del río Uruguay, desde el cuartel de Asamblea, en Montevideo, día 5 de diciembre de 1755, hasta 21 de junio de 1756. In: *COLECCIÓN de documentos inéditos para la historia de España*, por el marques de la Fuensanta del Valle: tomo CIV. Madrid: imprenta de José Perales y Martínez, 1892, p.464.

<sup>29</sup>. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (BN/RJ). *Continuação do Diário da Primeyra Partida de Demarcação*. Cod: 22, 1, 19 9 (Mss encadernado/sem paginação). Cópia contemporânea. 15fls

<sup>30</sup>. Tradução: Ano de 1756. A 7 fevereiro morreu o corregedor José Tiaraju em uma batalha que houve em dia de sabado. A 10 de fevereiro, em uma terça, houve uma grande batalha em que morreram, neste lugar, 1500 soldados e seus oficiais, pertencentes aos 9 Povos do Uruguai. A 4 de março mandou Miguel Mayra fazer esta cruz pelos soldados.

<sup>31</sup>. O recurso de demarcar o território com cruzes inscritas eram um expediente bastante difundido entre os índios das reduções, inclusive uma localidade eram conhecida como “cruzes dos tapes”. Trata-se de uma escrita exposta, que visa definir um domínio sobre uma área. Ver PETRUCCI, *Op. Cit.*, 1999,p.60.

## A título de conclusão

A familiaridade manifesta com os diferentes níveis das práticas letradas, mesmo restrita a uma elite indígena, havia promovido sociabilidades inéditas, permitindo a população missioneira estabelecer novos modos de relação com os outros e os poderes. O certo é que os momentos de crise, de tensão ou impasse nas reduções coincidiram com a prática acentuada da escrita pelos guaranis. Possivelmente, em situações excepcionais eles sentiram a necessidade de colocar no papel suas inquietações e, assim, formar um testemunho de certos acontecimentos.

O reconhecimento das práticas letradas operadas pelos índios das reduções implica em rompermos com a visão tradicional e mesmo colonizada com a qual operamos sobre o passado dessa região. Tais escritos apresentam temas e inclusive abordagens novas da realidade colonial, revelando aspectos desconhecidos da ação indígena na fronteira americana. Por seu conteúdo, tais papéis têm permitido aos historiadores reavaliar as transformações operadas nas populações ameríndias e os lugares que elas ocuparam nos conflitos registrados na fronteira meridional.

Analisar os episódios do conflito deflagrado nas reduções orientais, em meados do século XVIII, - a partir do impacto das práticas da escrita na organização social das reduções - permite compreender o modo como os guaranis missionários pautaram suas ações e atitudes em uma fronteira letrada. De fato, se, por um lado, a comunicação *in scriptis* mantinha as principais lideranças informadas a respeito dos acontecimentos recentes, por outro, cumpria a função de veicular uma versão indígena diante dos rumores que circulavam na região implicada no Tratado de Madri.

## Bibliografia

AVELLANEDA, Mercedes. "Orígenes de la alianza jesuíta-guaraní y su consolidación en el siglo XVII", *Memoria Americana, Cuadernos de Ethnohistoria*, 8, 1999, p.173-200.

BOCCARA, Guillaume. *Mundos Nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo: relecturas de los procesos coloniales de Etnogênes, Etnificación y mestizaje en tiempos de Globalización*. Novo Mundo Mundos Novos, Revista Eletrônica, Paris, 2000. p.1-56.

BOUZA ÀLVAREZ, Fernando J. *Del escribano a la biblioteca*. La civilización escrita en la Alta Edad Média (siglos XV-XVII). Madrid: Síntesis, 1992.

----. *Imagem e propaganda*. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998.

----. *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001

BRABO, Francisco Xavier. *Colección de documentos relativos a la expulsión de los jesuítas*

de la República Argentina y del Paraguay em el reinado de Carlos III. Madrid: Estudio Tipográfico José María Pérez, 1872, p. 193.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (org.). *Escribir y leer en el siglo de Cervantes*. Barcelona: Gedisa, 1999.

CASTILLO, GÓMEZ. (coord.). *Historia de la cultura escrita*. Del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Gijón: TREA, 2000;

CASTILLO, GÓMEZ. *Entre la pluma y la pared : una historia social de la escrita en los Siglos de Oro*. Madrid: Akal, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos*. Buenos Aires: Editota Balmes, 1962.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul (1750/1761)*. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

GRUZINSKI, Serge. *La colonización del imaginario: sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglo XVI-XVIII*. México: FCE, 1991.

GRUZINSKI, Serge. *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999.

GIUDICELLI, Christophe. *Fronteras movedizas: Clasificaciones coloniales y dinámicas socioculturales en las fronteras americanas*. Mexico: Casa de Velazques, 2012.

HAUBERT, Maxime. *Índios e jesuítas no tempo das missões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HERNÁNDEZ, Juan Luis. Desobediencia y fuga: estrategias guaraníes tras la expulsión de los jesuítas (1768-1799). In: *Anales VII Jornada Internacional sobre las Misiones Jesuíticas*. Resistencia: Instituto de Investigaciones Geohistóricas/ Conicet: UNNE, Facultad de Humanidades, 1998. p.281-297.

HERNANDEZ, Pablo. *Organización social de las doctrinas guaraníes da la Compañía de Jesús*. Barcelona: Gustavo Gili, 1913. t. 2, 308.

KERN, Arno A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LIENHARD, Martin. La voz y su huella: escritura y conflicto étnico-social en América La-

tina (1492-1988). 3 ed. rev.aum. Lima:Horizonte, 1992.

MAEDER, Ernesto J. A. *Misiones del Paraguay: conflicto y disolución de la sociedad guaraní*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992a, p. 72.

MAEDER, Ernesto. “La población y el número de reducciones: nivel de vida”. In: CARBONELL de Masy, Rafael. *Estratégia de desarrollo rural en los pueblos Guaranies (1609-1767)*. Barcelona: Instituto de Estudios Fiscales, 1992b.

MANUSCRITOS da Coleção de Angelis: Tomo VII: Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos (1750-1802). “XV- Relação do padre Bernardo Nusdorffer sobre o plano de mudança dos 7 povos desde 1750 até fins de 1755”. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p.139-300.

MELIÀ, Bartomeu. “La reducción según los Guaraníes: dichos y escritos”. In: GADELHA, Regina. A. F. *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1999, p. 55-64.

MORINIGIO, Marcos. “Sobre Cabildos indígenas de las Misiones” in *Revista de la Academia de Entre-Rios*. I, Nueva Impresora: Paraná, 1946, p.29-37.

MONTEIRO, John. *Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, John M. *Tupis, tapuias e historiadores*. Estudos de história indígena e do indigenismo. Tese apresentada para o concurso de Livre Docência em Antropologia na Unicamp, Campinas, 2001.

NEUMANN, Eduardo S. *Práticas letradas guaranis: produção e usos da escrita indígena (Séculos XVII e XVIII)*. UFRJ/IFCS. Doutorado. 2005;

NEUMANN, Eduardo, S. “A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai -Século XVIII”, *História Unisinos* 11(2) p.160-172, 2007

NEUMANN, Eduardo. S. “De letra de índios: cultura escrita e memória indígena nas reduções guaranis do Paraguai”. *Varia História*, n. 41, 2009, p.177-196.

PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Prólogo de Roger Chartier y Jean Hébran. Barcelona: Gedisa, 1999.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos

Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

QUARLERI, Lia. “La Rebelión anunciada de las Misiones Guaraníes del antiguo Paraguay”, *Suplemento Antropológico*, Asunción, v. XL, n 2, 2005, p.41-73.

QUARLERI, Lia. *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata*. Guaraníes, jesuítas e impérios coloniales. Buenos Aires: FCE, 2009.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. Bauru: Edusc, 2000;

VIÑAO FRAGO, Antonio. “Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones”. *SIGNO. Revista de la Cultura escrita* 3 (1996) Universidad de Alcalá de Henares, p.41-68.

WILDE, Guillermo. Los guaraníes después de la expulsión de los jesuítas: dinámicas políticas y transacciones simbólicas. *Revista Complutense de História de América*, Madrid, n.27, 2001, p.69-106.

WILDE, Guillermo. *Religion y poder en las misiones de guaranies*. Buenos Aires: SB, 2009.